**Eixo Temático:** Temas Livres

**LEISHMANIOSE VISCERAL: INDICADORES CLÍNICOS E EPIDEMIOLÓGICOS**

Aline Santana Figueredo, alinefigueiredoufma@gmail.com1,

Mayara Cristina Pinto da Silva²

1. Universidade Federal do Maranhão; 2. Universidade Federal do Maranhão

**RESUMO**

**Introdução:** A Leishmaniose Visceral (LV) é caracterizada como uma doença negligenciada, atingindo grande parte da população de baixa renda, com estimativa de 200 a 400 mil novos casos a cada ano (1). Conhecida popularmente como calazar, é uma doença grave, infecciosa e sistêmica, causada pelo protozoário *Leishmania chagasi* e *Leishmania infantum*, transmitida pelo vetor *Lutzomyia cruzi* e *Lutzomyia longipalpis* (2).**Objetivo:** analisar os indicadores epidemiológicos e clínicos da Leishmaniose Visceral (LV) no estado do Maranhão, no ano de 2018. **Método:** Estudo epidemiológico, transversal, quantitativo e descritivo. A amostra foi composta de casos notificados de leishmaniose visceral no Maranhão, no ano de 2018. Os dados secundários foram extraídos do Sistema Nacional de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Os dados foram coletados a partir de planilhas eletrônicas geradas pelo sistema através do programa TabWin32 versão 3.6b e exportados para os programas Microsoft Excel 2016. As variáveis analisadas foram sexo, raça, faixa etária, nível de escolaridade, coinfecção com HIV, tipo de entrada, evolução da doença e critério de confirmação. **Resultados e discussão:** No ano de 2018 foram notificados 687 casos de leishmaniose visceral no estado do Maranhão, sendo mais comum no sexo masculino, com 449 (65,3%). Quanto a cor, 540 (78,6%) são autodeclarados pardo. A despeito da escolaridade, 369 (53,7%) não se aplica. Em relação a faixa etária, 392 (57,0%) dos casos notificados foram de pacientes menores de 10 anos. Sobre o tipo de entrada, 612 (89,0%) são casos novos, 570 (82,9%) foram confirmados através de exame laboratorial. Sobre a coinfecção com HIV, 61 (8,7%) apresentaram infecção por HIV. Quanto a evolução, 504 (73,3%) dos casos evoluíram para cura. Ao analisar os resultados foi notado que o sexo mais afetado é o masculino, sendo assim, Pires et al., (2016)(3) destaca que os indivíduos do gênero masculino estão mais propícios a LV em decorrência da falta de atenção em relação aos fatores de riscos. Sobre a faixa etária, o estudo em questão não seguiu a mesma tendência nacional, que mostra os adultos jovens como os mais afetados. Porém, Uchôa et al., (2020) (4) ressalta que as crianças menores de 10 anos constituem o grupo mais susceptível devido à imaturidade do sistema imune, agravada pela desnutrição associada à baixa condição socioeconômica, tão comum em áreas endêmicas. No entanto, quando o adulto jovem é acometido, pode-se suspeitar de comprometimento do sistema imunológico, que pode ser ocasionado por vários agravos, entre eles o vírus da imunodeficiência humana / síndrome da imunodeficiência adquirida (HIV/AIDS) e o uso de álcool e drogas, entre outros que atingem o sistema imunológico. **Considerações finais:** Portanto, a caracterização clínica e epidemiológica da leishmaniose visceral pode servir de embasamento para políticas públicas de saúde no âmbito do desenvolvimento de estratégias de prevenção, bem como para definir as bases de assistência médica prestada aos pacientes infectados, afim de adotar novas medidas e estratégias que visem o controle e a prevenção de LV, buscando realizar intervenções nas áreas endêmicas.

**Descritores:** Leishmaniose Visceral; Notificação; Doença Negligenciada

**Referências:**

1. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Leishmaniasis: factsheet.** Geneva, 2016. (WHO – Media Centre, 375).
2. DOS SANTOS, Eliana do Socorro Monteiro et al. Aspectos Epidemiológicos da Leishmaniose Visceral. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 23, p. e959-e959, 2019.
3. PIRES BS. et al. Fatores epidemiológicos da Leishmaniose visceral humana no Brasil, 2008-2015. Simpósio de TCC e Seminário de IC, 2016.
4. UCHÔA, Karliane de Araújo Lima et al. Vigilância epidemiológica da leishmaniose visceral: análise de indicadores e fatores ambientais associados. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 45, p. e2979-e2979, 2020.